



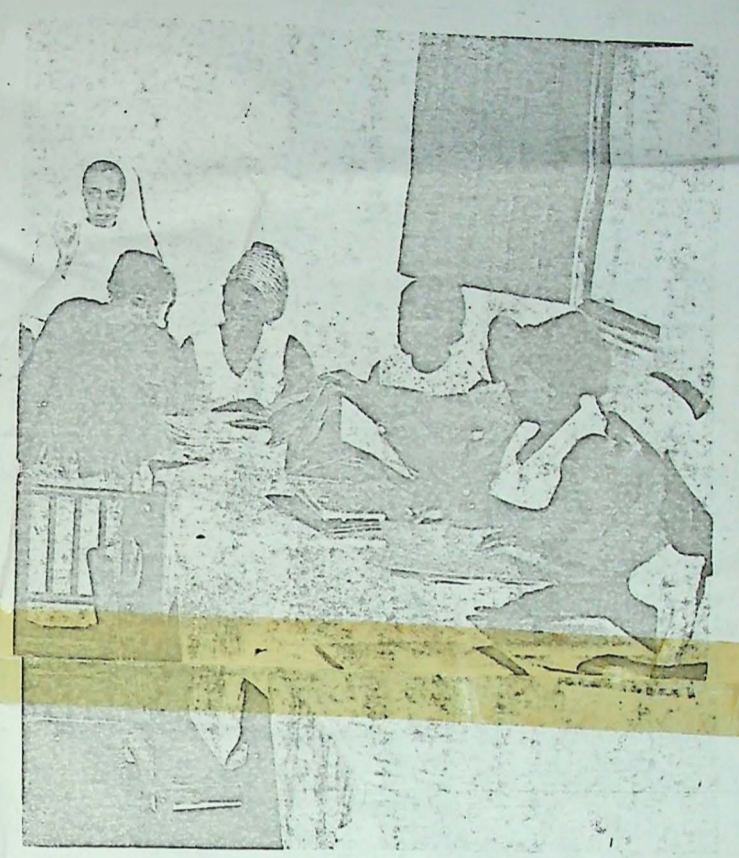
Alfabetizando e conscientizando



A religiosa ensina as primeiras letras a mulheres de Planaltina

Reportagem de Joaquim Jodélio

Fotos de José Alberto



Irmã Celina participa da ação do MOBRAF, na Zona Boêmia de Planaltina

Para Irmã Celina, a experiência é interessante



Quando responsáveis pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização em Planaltina resolveram levar as aulas à Zona Boêmia, não imaginavam que tal empenhimento fosse repercutir tão intensamente em todo o País, ao ponto de uma cadeia de televisão, que abrange cerca de 50 milhões de telespectadores, interessar-se grandemente pelo fato. O MOBRAF já cogita de estender os cursos aos já alfabetizados, enquanto em Planaltina, 127 mulheres se dedicam, durante 2 horas por dia, à tarefa árdua de aprender a ler e a calcular.

As mulheres referidas têm idade que varia de 17 a 35 anos e são das mais variadas procedências. Porém em atenção e seriedade, ouvem a irmã Celina, em seu sotaque espanhol e a meiguice que só ela tem, dando conselhos de higiene, fazendo com que elas aprendam muita coisa de que jamais ouviram falar. É a chance nunca antes proporcionada, quem sabe? Talvez o vislumbre de uma mudança próxima de vida. Por isso essas mulheres se lançaram, mais do que quaisquer dos outros analfabetos ora no MOBRAF, à tarefa de receber os primeiros ensinamentos.

EM NA ZONA MESMO

No dia 8 deste mês, o Administrador Regional de Planaltina, Sr. Francisco de Faria Pereira, juntamente com o presidente do MOBRAF-Planaltina, Sr. Iron Gonçalves de Melo, do secretário-executivo, professor Afrânio Vieira de Brito; do presidente da Comissão de Recursos Humanos, Sr. Acácio Silva Campos, e da madre Josefina, presidente da Comissão de Recursos Físicos do Movimento, além de outros participantes, inaugurou os postos da Zona Boêmia. As próprias donas dos cabarês interessaram-se muito, cedendo seus salões-buete para que nelas fossem ministradas diariamente as aulas. Para isso, elas mesmas fizeram a limpeza dos salões, colocando toalhas limpas e apagando todo o estigmo das noites alegres.

E, para surpresa dos promotores do MOBRAF em Planaltina, as atitudes eram tão decentes quanto apresentadas por qualquer moça: mini-saias.

O comportamento das mulheres da Zona Boêmia durante as aulas, é como o de qualquer menina de colégio. E garante: nenhuma joga bolinha de papel na outra, a Irmã pode voltar as costas, à vontade, que ninguém vai lhe fazer caretas por traz. Elas estão ali somente voltadas para uma atividade: a de aprender. E aprender bem.

Todas ficaram um tanto indôceis diante do fotógrafo. Foi um tal de ajeitar cabelo, fazer pose um de nós-acuda. Todas queriam ser fotografadas escrevendo no quadro. Tudo em ambiente de infância, que por certo nunca tiveram, misturado com o toque feminino de sempre parecer mais bonita toquem a cidade toda vai ver o jornal...). Os professores deixam que elas tragam suas carteiras de cigar-

ros e fumem em aula. Não estão ali para reprimir, mas para, num ambiente francamente democrático, prestar-lhes a ajuda de que necessitam, o empurrãozinho que faltava. E nem sequer um deslize no comportamento faz-nos lembrar que ali estamos diante das chamadas "decaídas".

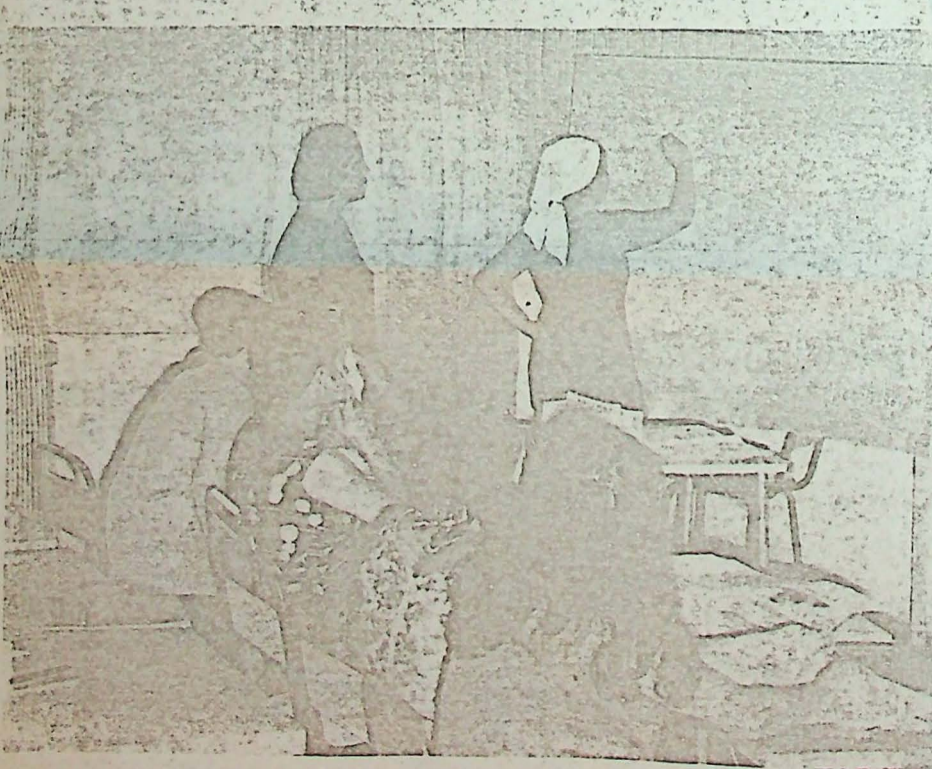
E o grau de aproveitamento? Sabendo-se que a maioria das 127 atualmente inscritas nas 5 turmas era completamente analfabeta, nota-se uma certa desenvoltura em algumas das alunas.

Ainda escrevem mal é verdade, mas o progresso é evidente. E os primeiros rabiscos vão surgindo, um tanto "mocarongos", porém no início é assim mesmo. E as contas, que são o terror da maioria dos alunos por esses brasis-a fora? Ah! quem aqui tem medo da matemática? A sua aplicação para os cálculos se já não foi explorada, agora o será. Agora, passar da prática para a teoria, quanto o contrário é que seria o certo, traz um pouco de complicação. E quem tinha uma boa cabeça para contas fica, assim, meio atrapalhada diante da taboada. Nas não há de ser nada; com algum esforço se supera essa fase e o resto, então é fácil.

MOBRAL EM PLANALTINA

Dos 2.350 domicílios visitados em Planaltina, 1.685 tinham analfabetos. Portanto 71,7% do total das residências daquela cidade eram de pessoas que não sabiam ler nem escrever. Nessas casas visitadas pelo pessoal do MOBRAF, 2.095 pessoas analfabetas tinham acima de 12 anos. E foi para esses 2.095 analfabetos que foram instalados os 23 postos. Nelas funcionam 57 classes com igual número de monitores. Mil e cento e cinquenta e sete alunos já estão inscritos até o momento, numa média de cerca de 20 alunos por classe. Dentre os monitores, destacam-se normalistas, alunos do científico, freiras e professores do ensino primário e médio.

Em Planaltina, ninguém deixou de dar a sua contribuição ao MOBRAF. O vigário cedeu a Igreja, pastores protestantes estão fazendo os cultos numa só igreja, a fim de que as outras possam ser utilizadas nos cursos. Também os centros espíritas e muitas casas de residência estão cedendo locais para as aulas. Na Vila Buritis, como não há luz, a Fundação Educacional colocou ali 42 lampeões, para que não faltasse luz (ali as aulas são à noite). O diretor do Colégio de Planaltina, professor Sílvio Souza Siveira, tem se colocado à disposição, proporcionando orientação aos monitores, e a Administração Regional, construindo quadros, bancos e cedendo condução, participam ativamente da campanha. Na cidade é só no que se fala. Todos querem participar do MOBRAF, seja direta ou indiretamente, dando aulas, colaborando de uma forma ou de outra para o êxito da campanha.



Para as mulheres, o MOBRAF alfabetizando-as, a vida poderá mudar